

ASGARD

Editora Multifoco
Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.
Av. Mem de Sá, 126
Rio de Janeiro - RJ
CEP 20230-152

Revisão
Thiago França

Arte
Daniel Kim

Composição
Renato Tomaz

Asgard
1ª Edição
Janeiro de 2009
DALLA, Juliana

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução
deste livro e de seu conteúdo
com fins comerciais sem a prévia autorização
do autor e da Editora Multifoco

Asgard

Juliana Dalla

 *dimensões*
ficção

Rio de Janeiro, 2009



Juliana Dalla iniciou carreira artística como roteirista de curtas-metragens. Aos 25 anos, passou a escrever livros e roteirizar quadrinhos. A obra “Asgard” é sua primeira incursão pela literatura fantástica.

Site: www.julianadalla.com.br



DESDE O DIA EM QUE...



...A serpente emplumada Quetzalcóatl não pôde mais refletir no Monte Eéia o sol que carregava no peito, os habitantes do Sul do Reino de Asgard se viram obrigados a conviver com a noite sem-fim.

O povo noturno vivia sob o governo de Circe, bruxa de olhos rubros e madeixas negras, capaz de transformar deuses, homens e coisas em bichos de qualquer natureza.

— A mais bela asgardiana. Governante do Monte Eéia. Não basta, milêdi? — questionou Quimera, a cabra com cauda de serpente e cabeça de leão que servia à feiticeira.

— Sem liberdade, nada disso importa — replicou Circe.

— Chruuu! — tempestuou a cabra, cuspidando fogo.
— Se Hefesto não tivesse criado a mulher...

— Ele apenas obedeceu às ordens de Zeus. O culpado pela nossa desgraça tem outro nome: intolerância.

O Monte Eéia era abraçado pela muralha-fogo do deus Hefesto. Além de proteger os eeianos, o muro

aquartelava a Guarda de Atena, formada pelos kappas: os temidos homens-macaco.

Para os habitantes do Monte Olimpo, região Norte do Reino, tamanha salvaguarda por parte dos eeianos era infundada. Odin, antigo rei asgardiano, havia criado uma barreira mágica sobre o Sul, isolando a região do restante de Asgard.

Os eeianos, contudo, tiravam do isolamento a esperança. Circe e seu povo tinham a certeza de que um dia, da escuridão, surgiria o sol da serpente emplumada, que poria em xeque a magia de Odin. E, nesse dia, estariam preparados para vingar os séculos de segregação.

“Porte atlético, olhos e cabelos azulados.”, “Carrega sempre consigo uma adarga antimagia e uma espada capaz de fazer o maior dos monstros dormir.”. Era esse o retrato que olimpianas apaixonadas faziam de Thor, o soberano da Monarquia Asgardiana, o solteiro mais cobiçado de Asgard. Nas poucas vezes em que o sucessor de Odin saía de seu palácio para cavalgar Sleipnir no céu boreal, suspiros e olhares derretidos brotavam por todo canto.

Num daqueles dias de cavalgada, Hermes deixou sua vertigem de lado e usou as minúsculas asas de seu capacete e de suas sandálias para alcançar o rei.

— Alteza! — gritou o mensageiro divino, desengonçando no céu. — Alteza!

Sleipnir freou suas oito patas.

— Hermes, nobre amigo! Quais novas o trazem aqui em cima?

— Notícias... huf... nada boas... huf — lufou Hermes, assim que se aproximou de Thor. Após recuperar o fôlego, completou: — Uma humana de carne e osso entrará no Reino de Asgard. E sabe o que isso significa, não sabe?

— Tsc, tolice! Desde o dia em que Pandora libertou os infaustos da caixa, nossos elos com a Terra deixaram de existir.

— Com todo o respeito, Alteza, não subestime o caduceu.

Aquele não era um mero palpite de Hermes, mas uma mensagem oriunda de profetas falecidos, transmitida pela cobra que habitava o bastão mágico (o tal caduceu) do mensageiro.

— A cobra disse a você que “uma humana de carne e osso entrará em Asgard”? — inquiriu Thor, repetindo as afirmações de Hermes.

— Disse. Palavra por palavra.

— Mas quando? Como?

— Não sei, Alteza...

Os profetas costumavam dar detalhes de suas premonições. A fragilidade da mensagem deu ao rei a fé de que precisava para se pacientar.

— Tudo continuará como está. Acredite! — pediu Thor, encostando seu escudo no ombro do amigo. — Profetas também se enganam.

— Por Zeus, que você esteja certo! — clamou Hermes.

E nos dias que sucederam àquela conversa, as palavras do rei pareciam se materializar.

Além dos montes Eéia e Olimpo, havia em Asgard uma planície chamada Vale das Almas, separando geograficamente as divergências regionais.

No centro do Vale, uma área de rípios, cavernas e arbustos retorcidos tinha a incumbência de receber os espíritos humanos e divinos.

Como tartaruguinhas em busca do mar, as almas recém-chegadas sabiam instintivamente que deviam escolher uma direção: leste ou oeste.

A leste do Vale, um deserto árido servia de boas-vindas aos Campos Elíseos. Depois de longa caminhada sob um calor tropical, os espíritos alcançavam o pé da escadaria de uma pirâmide asteca. Em seu cume que tocava as nuvens elísias, o elefante africano Airavata — deus dos homens e guardião dos céus — guiava os mortos à tão sonhada pós-vida celestial.

A oeste do Vale, uma exuberante floresta era a porta de entrada para Hel. Passada a última árvore da mata, do outro lado da Ponte do Eco, ficavam os degraus subterrâneos que levavam os espíritos ao território demoníaco. Sob a terra, almas suavam eternamente, garantindo imortalidade à diaba Hela.

Os deuses conheciam as facetas de cada caminho e quase sempre optavam pelo deserto. Mas esse era um privilégio só deles. Os homens tentavam a sorte e, salvo raras exceções, pagavam pelas estúpidas associações que costumavam fazer, mesmo depois de mortos...

Longe (na verdade, nem tanto) de Asgard, Ísis e seu namorado Mateus peregrinavam imersos no encanto da Patagônia.

— Incrível! — soltou Mateus, contemplando o lago na beira do qual se encontravam.

— Realmente — concordou Ísis.

— Amo este lugar — “Diga que a ama de uma vez por todas!” — E amo você.

Ahn?! Ela teria *mesmo* escutado aquela frase? Há meses namoravam, e o mais próximo que Mateus havia chegado de uma declaração de amor fora um irritante “Como eu gosto de você!”.

— Eu também te amo — soltou Ísis, tirando da garganta o que queria ter dito desde o primeiro beijo, na festa dos calouros, no auditório da universidade. E emendou: — Pra sempre!

Mateus procurou por algo que pudesse marcar aquele momento, e achou.

— Vê aquela flor amarela, anjo? — perguntou ele, apontando para um lírio de longas pétalas ao pé de uma pequena encosta rochosa.

Ísis forçou a vista e enxergou um pontinho dourado que se destacava em meio aos tons verdes da vegetação.

— Uh-hum. O que é que tem?

— Será sua, *amor de mi vida*.

Ísis achou graça naquelas palavras. Teria a Patagônia o poder de tornar os homens mais românticos?

— Espere aí! — pediu ele, distanciando-se.

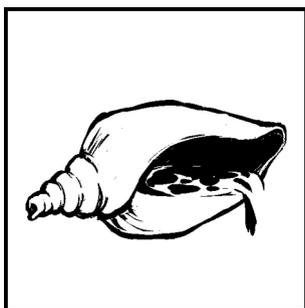
— Tudo bem. Só não demore!

Ísis sentou-se às margens do lago, e começou a tascar pedriscos na água, tentando fazê-los pular. No quarto arremesso, abriu uma fenda no ar — pelo menos, era o que parecia ter feito.

Hipnotizada pela curiosidade, Ísis tirou seu par de tênis e caminhou pelas águas raseiras e geladas até chegar próximo o suficiente daquele fenômeno que seus olhos custavam a acreditar. Agachou-se para observar melhor, mais de perto.

Num sopro, foi sugada pela fenda.

NENHUM SINAL DO LAGO E DA FENDA...



... De Mateus e da flor. Ísis estava caída nos limites de um precipício cujo fundo era formado por nuvens brancas, nada mais. Estava distante de qualquer referência familiar.

— Pelos meus cálculos, a senhorita ultrapassou três quilômetros de nossa fronteira. Nem um centímetro a mais, nem um a menos — alertou Trênus, com sua voz fininha e engraçada.

Os olhos de Ísis caçaram o som, e conseguiram capturar a estranha imagem de uma trena falante.

— A senhorita precisa voltar pro Vale das Almas — avisou a criaturinha. — Mas antes, me conte como entrou aqui. Exijo uma boa explicação!

— O que você quer de mim?! Não me faça mal, por favor!

— Pare de assustá-la! — pediu o velho Terminus, surgido como que do nada.

— Ela tem que se explicar, senhor! Não é todo dia que um espírito do Vale entra em Olimpo.

— Será que você não percebeu? Ela não fala a nossa língua nem é gelatinosa — considerou o deus da fronteira, enquanto guardava a trena no único bolso de sua calça de couro.
— A jovem é de carne e osso!

— De carne e osso?! Como isso aconteceu?

— Isso nós vamos descobrir.

Após um longo suspiro carregado de preocupação, Terminus chamou num só grito:

— Yooo!

O vento começou a soprar forte. Ísis olhou para cima e viu um dragão vermelho e lunado. Tomada pelo pavor, achegou-se a poucos milímetros do abismo.

— Do Vazio ninguém volta — alertou Terminus. — É melhor você ficar onde está.

Embora Ísis não tivesse compreendido uma só palavra pronunciada pelo velho, seu olhar dizia claramente que se jogar não era a melhor alternativa. Como não havia outra, Ísis encolheu-se no chão. O zunzunar do vento causado pelas asas do dragão fez suas mãos suarem e seu coração descompassar. Então desmaiou.

Entre as árvores mais robustas da floresta de Olimpo, nas cercanias do palácio real, destacava-se solitária uma casa inteiramente

construída com obras de arte dos mais renomados artistas. Era a morada de Apolo.

— Nada de contornos nítidos, percebe? Exemplo clássico de uma pintura impressionista — explicou o deus da arte, mostrando ao rei sua nova aquisição (Apolo era a única deidade que vez ou outra entrava no Céu e no Inferno para encomendar e buscar obras de artistas falecidos).

— Quem o pintou? — perguntou Thor. — Monet? Seurat?

— Michelangelo! Como ousa confundir Monet com Seurat? — dramatizou o sábio. — Pare de chutar, Thor! Um rei precisa ter *convicção*. Seu pai era um homem de *convicção*.

Thor espremeu os olhos na tinta sobre a tela, tentando descobrir sua *convicção*. Foi interrompido pela entrada do deus-vento na casa, que ventaneou ao rei notícias palacianas.

— Por que Vayu não dá seus recados do lado de fora? Nhá! — grunhiu Apolo, arranjando os papéis rebulizados por ele.

— Em nosso reino, Apolo... — balbuciou Thor. — Uma mulher de carne e osso entrou em nosso reino!

— Michelangelo!

Num pequeno povoado de Eéia, a taberna de Dionísio fervia. Regados a vinho, moradores vibravam seus corpos ao som de aldeões talentosos. O álcool dava ao lugar um aspecto sinuoso, enleado e profano.

Do chão tabernal suado, surgiu Hela.

— Pontual como sempre — observou Dionísio ao vê-la chegar.

A diaba desfilou sua ruividão sublime no corredor dos quartos orgiásticos. Num deles, Circe a aguardava. Sim, elas tinham um romance clandestino. Para Circe era um caso carregado de expectativa (“Um dia, levarei você ao Norte pelo mundo subterrâneo.”) e para Hela, de prazer (“Sou a mais bela, é verdade. Muitos e muitas me querem. Mas só você me tem.”)

Assim como o canto do galo no mundo dos homens, o vôo da Quetzalcóatl até o ponto mais alto do Monte Olimpo anunciava o nascer de mais um dia.

Embora desmaios levassem minutos, o de Ísis havia atravessado a noite. Ao acordar, percebeu que aquele não era o seu quarto, tampouco o quarto do hotel onde estava hospedada com Mateus na Patagônia. Então lembrou da fenda, e de Terminus, e do dragão, e de Trênus — nessa

ordem. Olhou para o lado. Um rapaz bonito e fantasiado de rei a observava.

— Como vim parar neste quarto... com você? Aliás, *quem é você?* — perguntou ela, levantando as costas da cama.

— Posêidon chegou com a água? — perguntou Thor aos faunos que faziam vigília na porta do quarto.

— Cheguei, Alteza! — avisou o senhor escamoso, trazendo consigo uma concha. — Aqui está.

— Ah, obrigado. Já foi informado do ocorrido?

— Sim, e custo a acreditar.

— Quero saber o que está acontecendo. Agora! — sentenciou Ísis, tentando esconder sob carrancas e gritos o assombro diante de tantas criaturas estranhas.

O rei ajoelhou-se ao lado da cama em que Ísis estava sentada.

— Se você me tocar... — ameaçou ela, protegendo infantilmente o corpo com o fino lençol.

— Beba — pediu Thor, levando a concha às mãos delicadas de Ísis.

— O que você quer? Que eu beba isso aí, por acaso? Pode esquecer! — avisou, amarrando a cara ainda mais.

Thor tomou um gole do líquido, mostrando que aquilo não a faria mal. E, sem saber ao certo o porquê (“Tirando a fantasia, ele até que é bonitinho.”), Ísis deu um voto de confiança ao rapaz.

— Água do mar... — deduziu Ísis.

— Na verdade, água salgada do Rio Olimpo — corrigiu Thor.

— Você está me entendendo?

— Agora estou. Prazerosamente — derreteu-se o rei. — Seja bem-vinda a terra dos deuses.

— Deuses?! — Ísis sabia que não estava sob efeito de substâncias alucinógenas, sabia também que aquilo não era um manicômio ou coisa parecida. — Você é um deus?!

— Sim. Filho de Odin e de Afrodite. E rei deste lugar.

— Odin. Afrodite. Deus da magia. Deusa do amor — embaralhou Ísis, tentando recordar das coisas que estudou na escola.

— Pelo visto você sabe mais sobre nós do que nós sobre você.

O rei fundiu, apaixonado, seu olhar ao da humana. Poderia ficar por dias assim, se não fosse a chegada barulhenta de Hermes e do coioote curandeiro.

— Ali está ela! — avisou Hermes ao coioote.

— Aquele é Hermes, nosso mensageiro divino — apresentou Thor. — E esse é Dakota, o curandeiro do reino. Veio ver como você está.

— Hmm... Func, func... Uh-hum... — minuciou Dakota, focinhando Ísis. — Ela está um pouco fraca. Func, func. Precisa de comida e descanso.

Thor pediu a uma das ninfas do palácio que preparasse uma bandeja com o que havia de melhor na cozinha.

— Thor, precisamos conversar — disse Hermes (e quando Hermes o chamava pelo nome...). — Em particular.

O rei assentiu com a cabeça.

— Com licença, donzela — pediu Thor.

— Ísis. Meu nome é Ísis — informou, esboçando um sorriso.

O sorriso estagnou o rei de tal modo que Hermes, para ser ouvido, teve que puxá-lo pelo braço e arrastá-lo porta afora.

— O que foi, Hermes?!

— Escute! O feitiço que seu pai jogou sobre o Sul será quebrado.

— Como é?! Impossível!

— Tão impossível quando a entrada de uma humana em Asgard, não é? E olhe o resultado! — disse Hermes, apontando para Ísis. — *Ela* é a causadora dos problemas.

— Ísis é apenas...

— Uma mulher?

— Sim. Uma mulher.

— Alteza, lembre-se de Pandora! Ela também era uma simples mulher.

— Foi Hefesto quem criou as pestes e maldades guardadas na caixa. Pandora apenas as libertou.

— Ah, entendi. Você está apaixonado pela humana — incriminou Hermes.

— Não. Não estou. Não mesmo!

— Aqui está, Alteza — interrompeu a ninfa, trazendo com ela a bandeja carregada de doces e frutas. — Posso servir a hóspede?

— Não será necessário — disse o rei, pegando a bandeja. — Eu mesmo a servirei.

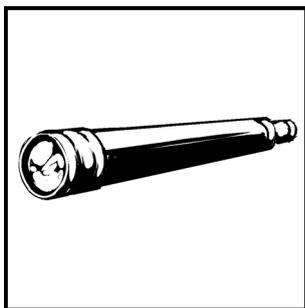
— Os olímpianos estão em perigo, Alteza — continuou Hermes. — É bom agirmos rápido.

— Preciso alimentar Ísis, nobre amigo. Depois...

— Depois resolvemos os problemas do reino. Claro! — completou Hermes, ironicamente. — Afinal, para um rei os problemas de *seu* reino vêm depois das agruras de uma mulher... Ah, que decepção! Seu pai não faria isso.

— Eu não sou meu pai — respondeu Thor, e pediu a todos que se retirassem do quarto.

DIARIAMENTE, TERMINUS CAMINHAVA...



... De um lado a outro da fronteira olimpiana. Ela tinha centenas de quilômetros e Terminus fazia o trajeto a pé — nada de dragões alados ou cavalos de oito patas.

— Como aquela humana entrou aqui? Como não percebi sua entrada? — perguntava-se em tom de indignação, enquanto andava acelerado, vistoriando os pormenores fronteiriços.

Ele era Terminus, o deus da fronteira. Como pôde deixar aquilo acontecer?

— Como pude deixar aquilo acontecer?! Por Zeus!

Num ponto de onde se avistava o Vale das Almas e mais adiante a barreira mágica que circundava o Monte Eéia, Terminus sentou para descansar. Havia muito tempo não caminhava tanto, e já não era mais o jovem de séculos atrás.

Ao passar a vista sobre a barreira mágica de Eéia, Terminus viu aquilo que imaginara ser impossível de vislumbrar. Então pegou sua luneta, para assegurar-se que os olhos não o estavam ludibriando.

Não estavam.

Ao sobrevoar com seus vinte e tantos metros a muralha-fogo de Eéia, a sentinela Mundial sentiu a vista arder. Um feixe de luz solar parecia ter rompido a barreira mágica e aberto um buraco que a cada minuto alargava-se mais. Seguindo a luz, a jibóia alada chegou ao outro lado da barreira.

— Doces e frutas — disse Thor, carregando a bandeja. — Espero que aprecie nossa comida.

Nem bem a bandeja foi posta sobre seu colo, Ísis colherou um manjar — a fome havia coibido seus bons modos.

— Tenha um bom apetite! — desejou o rei, saindo do quarto.

— Hei, aonde você vai? — perguntou Ísis, de boca cheia. — Fique comigo!

Aquilo era tudo (quase tudo) que Thor gostaria de ouvir.

— Claro! — concordou, sentando ao pé da cama.

Instante de silêncio — se estivesse num elevador, Thor comentaria sobre o tempo. Mas estava em Asgard. Então falou:

— Pela primeira vez recebo uma humana em meu palácio.

— Pela primeira vez sou recebida no palácio de alguém.

— ...

— ...

— Você se lembra de como entrou aqui?

— Mais ou menos. Sabe a Patagônia?

— Perdão?

— Patagônia, uma região da Argentina.

— Não conheço a Terra. Nasci e cresci em Asgard.

— Entendo — limitou-se a dizer Ísis, ganhando tempo para mordiscar o que parecia ser uma nectarina, só que mais adocicada. — Enquanto você conversava com Hermes — recomeçou —, Posêidon me contou que este lugar se tornou o exílio dos deuses e monstros que fugiram da Terra, logo depois que Pandora abriu a tal caixa.

Thor confirmou as palavras do deus dos mares. Falou dos confrontos políticos e sociais gerados pelo desejo de grande parte dos exilados, sob a voz de Circe, de “democratizar Asgard”. Comentou o feitiço que seu pai lançou no Sul para cessar as disputas. Por fim, embargou a voz ao falar da morte de seus pais e de sua precoce ascensão ao trono.

— Sinto muito pelos seus pais. Pensava que deuses fossem eternos.

— Envelhecemos e morremos como vocês — finalizou Thor, mudando o foco da conversa: — Mas você estava me contado sobre a Patagônia...

— Ah, sim. Enquanto meu namorado foi buscar uma...

— Você é comprometida?

— Era — “Comprometida? Que palavra estranha!”

— Quero dizer, sou. E você?

— ...Não.

Ísis ficou feliz, e isso a incomodou. Thor ficou triste, e isso também o incomodou.

— Como eu ia dizendo, enquanto ele foi buscar uma flor, atirei uns pedriscos no lago e...

— Havia monstros no lago?

— Monstros? — repetiu ela, às gargalhadas. — Na Terra, as pessoas costumam tacar pedriscos na água pra passar o tempo. Não há monstros por lá. Não como o de vocês. Nós é que somos os monstros. Nossos próprios monstros.

Thor achou todas aquelas informações estranhas, mas não falou nada para continuar a ouvi-la. Então Ísis contou da fenda e de todo o resto.

— Os elos que nos ligam à Terra foram fechados há séculos, mas você conseguiu reabrir um deles com uma simples pedra.

— Ah, é? E isso é ruim?

— Espero que não.

— Ruim? Não. Transssformador — definiu Mundial, que a essa altura já serpenteava Terminus, no coração da floresta olimpiana. — E como ela entrou aqui? Pelo Vale das Almasss?

— Talvez — respondeu Terminus. — Encontrei a humana caída próximo ao Vazio, na parte oeste da fronteira.

Mundial abocou a deidade e voou na direção indicada.

— Ali! Ela estava caída bem ali — disse Terminus, apontando para baixo.

Trênus botou seus olhinhos mortificados para fora do bolso, e reforçou as palavras de seu mestre.

— Ela estava realmente ali.

Aquelas informações bastavam. Com sua impiedade reptiliana, Mundial jogou o velho e sua trena no Vazio.

A luz intensa agora iluminava quase todo o Monte Eéia, cegando os eeianos por vários minutos.

Circe estava na escuridão da muralha-fogo, reunida com Hefesto, quando recebeu as novas através da jibóia Mundial.

— Esse exemplar de sua criação chegou tarde, mas chegou — disse a bruxa a Hefesto. — E toda hora é uma boa hora de se fazer justiça.

— Mandarei Atena preparar a Guarda, milêdi — avisou o deus do fogo, tamborilando os dedos flamejantes sobre seu cajado de pedra. — É o momento de cobrarmos os anos de escuridão.

Montada em Quimera, Circe viu o sol envolver Eéia como o acalento de uma mãe após longa ausência. As lágrimas contidas da bruxa pinicavam os olhos mais do que a luz que batia neles.

Eeianos agrupavam-se diante da muralha-fogo, aguardando o pronunciamento de Circe.

— Povo de Eéia! — gritou a bruxa, entre as labaredas da muralha. — Uma criatura de Hefesto entrou em nossa Asgard, quebrando o feitiço que nos prendia à escuridão e ao isolamento! Ela não nos trouxe somente o sol... trouxe também a *liberdade*! Agora, temos que vingar o passado, e garantir o futuro!

As palavras de Circe sopraram a brasa contida nas veias dos eeianos. As paredes da muralha vibraram com a batida compassada das botas milicianas. A batalha estava prestes a começar.

A comemoração dos ceianos e a morte de Terminus repercutiram por todo o Reino, ressoando nos ouvidos de Thor pela brisa trazida por Vayu.

— Ísis! Preciso que você me leve ao local onde foi encontrada. Você e meu reino correm perigo!

Thor pediu a Hermes que preparasse uma estratégia de defesa (“Por Zeus! Por que não lhe dei ouvidos, nobre amigo!”). O Sul rumava à batalha, e o Norte precisava reagir.

Thor e Ísis galopavam entre as nuvens. A humana agarrava a cintura do rei de um jeito que ele gostaria de manter pela eternidade.

— Tente lembrar, Ísis.

— Não consigo... Só sei que estava a beira de um precipício.

— O Vazio. Toda a Asgard é ilhada pelo Vazio. Isso não nos ajuda.

— Hmm...

— Vamos, Ísis! Tente se recordar de mais algum detalhe. E pensando mais um pouco...:

— O dragão de chifres!

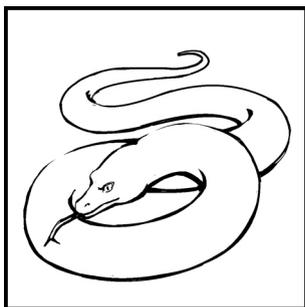
— Yo?

— Esse mesmo! Ele saberá nos guiar até lá.

A mando do rei, Sleipnir aterrissou seus cascos no chão.



THOR GRITOU POR YO. O DRAGRÃO...



... Não tardou a surgir no céu, mas um grasnar estridente veio logo atrás dele. Era o Pássaro de Estinfalo, monstro metade ave metade mulher, com garras e bico de metal. Numa arremetida, o pássaro destrinchou as asas do dragão, que, mesmo comba-

lido, conseguiu queimar a criatura com seu fogo.

A queda do gigante vermelho estremeceu o solo, e a confiança do rei.

— Pobre dragão... — ironizou uma voz feminina, que não era a de Ísis.

— Você... — surpreendeu-se Thor ao ver Circe: não tanto por ela estar em Olimpo, mas por constatar que a beleza e juventude da bruxa continuavam intactas, mesmo com o passar dos séculos.

Circe apeou de seu monstro. Thor fez o mesmo.

— Que homem bonito você se tornou, Alteza! — provocou a feiticeira, encostando suas mãos no peito do rei.
— Aquele rapazinho franzino parece ter ficado no passado.

O desejo despertado pelo toque da bruxa perturbou Thor.

— O que você quer?

— Quero retomar o que é meu — respondeu, afastando suas mãos do rei.

— Nada aqui é seu. Nem meu.

— Nem seu? Então quem tomou para si a liberdade dos eeianos?

— Eu não era o rei quando tudo aconteceu. Mas agora sou, e estou disposto a mudar as coisas.

— “Agora” é tarde. Muitos eeianos, asgardianos como você, estão vendo o sol pela primeira vez. Outros nunca chegaram a vê-lo. Não vou perdoar a Monarquia Asgardiana por isso.

Circe encostou seus lábios nos de Thor. Mesmo Ísis testemunhando a cena, ele não resistiu e deixou-se beijar. A floresta e suas criaturas não acreditaram que os hormônios do rei o haviam trapaceado. O beijo fez dele serpente.

— A partir de hoje, tudo será diferente — avisou a bruxa ao rastejante rei.

Percebendo o perigo, Sleipnir voou com Ísis.

— Atrás deles, Quimera! — ordenou Circe, montando no dorso de seu monstro.

O cavalo galopou entre as nuvens mais rápido que a cabra. Desviando-se do fogo de Quimera, Sleipnir

mergulhou na densa floresta de Hel — no Vale das Almas, a Lei Divina assegurava a paz. Nenhuma batalha poderia ser travada na terra sagrada dos espíritos.

Os seiscentos e trinta kappas da Guarda de Atena, armadilhados com bolas de fogo, atravessaram o corredor que separava o Céu do Inferno, até chegarem à floresta olimpiana. Dentro da mata, cento e sete deidades e monstros aguardavam os invasores. Liderando cada batalhão, estavam Atena e Hermes.

Sleipnir deixou Ísis sobre a copa de uma árvore.

— Ficarei aqui aguardando seu retorno — prometeu Ísis ao cavalo. — Vá ajudar seu rei!

Quetzalcóatl havia acabado seu turno, deixando a noite engolir a batalha. Bolas de fogo caíam sobre as árvores que farfalhavam de dor. A magia e o poder das criaturas do Norte pareciam sucumbir ao preparo dos homens-macaco do Sul.

Dentro de uma gruta, Hermes fazia a contagem dos mortos. Não eram poucos.

— Atena está aqui, senhor! — avisou um dos monstros que guardava o local.

— O que ela pretende?

— Pretendo conversar — respondeu a senhora baixinha, de *dreads* brancos na cabeça.

Atena estava acompanhada de duas ninfas que asseguraram sua passagem pela trincheira.

— Conversar como velhos amigos que fomos, antes da segregação — completou a deusa, indo da penumbra em direção a luz das velas que iluminava a mesa improvisada de Hermes.

— Não houve segregação, e sim conflito de interesses.

— Não vim aqui para discutir o certo e o errado. Vim para fazer um acordo.

— Em que termos?

— Queremos garantir a liberdade que nos foi concedida pelo acaso.

— Mas isso já foi dado a vocês.

— Que essa liberdade não seja nunca mais cerceada.

— Não será.

— Palavras não nos interessam. Queremos a humana como garantia. Enquanto ela for nossa prisioneira, ninguém nos fará mal. Sabemos dos sentimentos de Thor pela jovem.

— Por Zeus, Atena! Você sabe que o rei não permitirá tamanha loucura.

— Então aguarde a morte de cada um dos deuses e monstros que formam sua tropa — disse a deusa, saindo da gruta. — Assim que amanhecer, chegaremos ao castelo. Aí será tarde demais para novas negociações.

A cobra do caduceu se contorceu e silvou, externando os sentimentos de Hermes.

Levado da mata à casa de Apolo — o abrigo mais próximo —, Thor foi desenfitejado por Dakota.

— A paz não pode ser mantida a força — alertou Apolo. — Internalize essas palavras, Thor. Talvez ainda haja tempo de rever os ideais herdados de seus pais.

— E Ísis? — perguntou o rei, deixando as palavras de Apolo em segundo plano. — Preciso saber onde ela está.

— Arf! Às vezes esqueço de suas prioridades juvenis — lamentou Apolo. — Sleipnir refugiou a humana. Não se preocupe.



A LUA CHEIA MOVIA-SE PELO...



... Céu, sinal de que o tempo passava. Ísis continuava em cima da árvore, mas o som distante da batalha começava a preocupá-la.

— Não posso sair daqui. Não posso! — tentava se convencer, ao mesmo tempo em que queria fazer algo, sem saber ao certo o quê.

Ísis escutou passos arrastados pela grama. Talvez fossem de Thor. Espiou a floresta por entre as folhas da árvore.

— Mateus! — gritou, num volume mais alto do que gostaria.

Mateus olhou para cima.

— Ísis?! Por Deus, anjo! O que faz aqui?

— Eu é que te pergunto! — disse ela, descendo da árvore. — Você também foi sugado pela fenda?

— Do que você está falando?

Ísis abraçou o amado. Mateus deslizou como gelatina por entre seus braços.

— Por que você está assim? Gelatinoso?

— Eu morri.

— Há?!

— Quando arranquei a flor, uma pedra rolou rochedo abaixo e...

— Não, não pode ser verdade!

— Estou morto, Ísis.

— Meu Deus!... Então é pra cá que são enviados os mortos.

— Sim. Como eu e você.

Ísis sabia que não estava morta, e tinha como provar.

— Eu não morri, Mateus. Veja! — e beliscou-se. — Não me tornei viscosa. Continuo viva.

— M-mas...

— Preciso voltar pra Terra. Ouve esse barulho? É uma batalha. Fui eu que a provoquei.

— Como assim?

— Tenho que tirar a gente daqui. Vamos rápido! No caminho, te explico o pouco que sei.

O casal embrenhou-se pela floresta de Hel, em busca do local onde Ísis fora jogada pela fenda.

Andavam, sem saber, pelos jardins do Inferno.

Tão logo descobriu a quebra da promessa que Ísis fizera a Sleipnir, o rei decidiu fazer algo que nunca sonhara: encontrar-se com Hela.

A única criatura incumbida de guiar um rei através do subterrâneo era o Pássaro-Trovão.

— ...E foi isso que aconteceu — finalizou Ísis, ao contar toda a história a Mateus.

Quatrocentos e seis passos mais tarde, o casal topou com um córrego de águas negras. Uma ponte de madeira fazia a ligação entre suas beiradas mais próximas. Do outro lado, uma neblina encobria a paisagem.

Ísis ia pisar a ponte, mas os braços gelatinosos de Mateus a fizeram parar.

— E se houver um monstro, ou coisa pior, nessas águas? Eu atravesso antes. Se for seguro, farei um sinal — disse Mateus.

— Mas... e se te acontecer algo?

Mateus soltou seu sorriso piadista. O mesmo que sempre exibia antes de contar uma piada. Um sorriso que puxava sua bochecha direita para cima.

— Já estou morto. Não dá pra morrer duas vezes, certo?

— É. Faz sentido.

— Uh-hum — assegurou, pisando o pé direito na ponte.

Cada ranger de madeira provocado pelos passos de Mateus produzia um estranho e contínuo eco. Depois que Mateus entrou no breu, Ísis não mais o viu, nem ouviu mais nada.

— Mateus! — gritou Ísis.

“Mateus!... Mateus!... teus!”, respondeu o eco.

Ísis pisou a ponte. Um som agudo reverberou pela floresta. Ísis tresandou. Num lampejo, uma brisa passou por ela: era uma criança gelatinosa correndo pela ponte até o breu. O som dos passos ecoados da menina e de Mateus eram os mesmos. Por que os dela produziam um insuportável agudo?

— Mateus! — gritou novamente.

“Mateus!... Mateus!... teus!”, respondeu novamente a ponte.

“Vamos, Ísis!”, pensou ela, “Atravesse a droga da ponte de uma vez”.

Ísis pisou a ponte, novamente. E novamente a ponte entou seu agudo. Ísis tinha que agüentar o barulho, então tampou os ouvidos e correu até chegar ao outro lado do córrego.

Desnorтеada pela neblina cegante e quente, não teve tempo de situar-se. Foi logo envolvida pela boca molhada e fétida de Garm, o cão guardião.

Numa caverna escura do extremo norte de Olimpo, a águia azul de proporções colossais hibernava.

Sozinho, Thor entrou na caverna. Como não enxergava um palmo a sua frente, seguiu o som da respiração do monstro. O Pássaro-Trovão pressentiu a chegada do rei, e abriu seus olhos opalinos.

— Quem me desperta? — perguntou o monstro, com sua voz trovejante.

— Thor, nobre pássaro. Sou filho de Odin, e rei de Asgard.

— Então você é o sucessor. Se me acordas é por um único motivo.

— Sim. Preciso ir ao encontro de Hela.

— Então suba, Alteza — pediu, abaixando a cabeça.

O Pássaro-Trovão mergulhou no solo rígido de Asgard. Seu bater de asas sob a superfície fez a terra estremecer.



A BOCARRA DE GARM GUIOU...



... Ísis pelos labirintos sombrosos do Inferno até o castelo de Hela: um amontoado bege com vários buracos malfeitos, interpretados como portas e janelas.

Garm entrou por um dos buracos, chegando a um salão abafado e vazio. Na verdade, não estava totalmente

vazio. Havia um trono em seu centro, ocupado pela diaba.

O cão soltou a garota no piso de mármore negro. Ísis caiu de joelhos. Gestualmente, Hela pediu a Ísis que se levantasse. E foi o que a jovem fez.

— Então você é humana de carne e osso... Me diga o seu nome, querida.

Ísis abriu a boca para dizê-lo, mas alguém respondeu por ela.

— Ísis! Eu já lhe disse — intrometeu-se Circe, surgindo no salão ao lado de Quimera. — O nome dela já se espalhou pelo Reino.

Hela perguntou novamente, desconsiderando o comentário da amante.

— Qual o seu nome, querida?

— Í... Ísis — soltou, relutante.

— Hefesto fez um bom trabalho — maliciou a diaba.

— Me dê a humana — pediu Circe. — Ísis é nossa garantia de paz.

— Humanos não são objetos de troca, meu amor.

— Majestade — vociferou Garm — as águas do córrego respingaram a notícia de que a humana chegou aqui na companhia de um morto.

— De quem é o espírito que a acompanhava, querida?

— Do meu namorado. Mateus.

— Namorado?! Ora, mas que infeliz coincidência!

— admirou-se Hela. — Garm!

— Sim, Majestade.

— Encontre o espírito, e traga-o até mim.

Enquanto o Pássaro-Trovão sobrevoava o Inferno, Thor contemplava, horrorizado, a feiúra da região subterrânea.

— Ísis sozinha num lugar como este... Oh, Zeus! Tomara que ela não tenha atravessado a ponte!

— Se tiver atravessado, Alteza, nada lhe irá acontecer. O subterrâneo é feio e quente. E apenas isso — foram as palavras encontradas pela águia para acalmar o rei.

Garm cuspiu Mateus ao lado de Ísis.

— Ótimo trabalho, Garm! Agora volte para seu posto.

— Sim, Majestade.

Assim que Garm partiu, Circe encostou-se em Ísis.

— Vire minha prisioneira, Ísis. Cuidarei bem de você. Em troca, Mateus voltará a viver.

Ísis achava aquela uma boa idéia, pensava em aceitar a proposta, mas o guinchar trovejante do Pássaro-Trovão desviou seu raciocínio.

Thor entrou no salão com passos firmes, pronto para defender sua amada.

— Ora, mas que ilustre visita! Seja bem-vindo à região relegada! — provocou Hela, curvando-se para o rei.

— Nunca releguei terra alguma, Majestade — contemporizou Thor, beijando a mão de Hela. — Vim buscar Ísis. A humana precisa voltar para a Terra.

— Chegou tarde demais — informou Circe. — Ela tem namorado, sabia? Um namorado morto! E pensa em trocar sua liberdade pela vida do rapaz.

— Não faça isso, anjo! — pediu Mateus.

Thor se pôs entre Circe e Ísis.

— Escute, Ísis! Circe não tem poderes para tanto. Ela apenas transforma seres em bichos. Nada além disso.

Ísis procurou no olhar de Hela uma ajuda, mas não encontrou.

— Seja minha — aconselhou Circe. — Com você em minhas mãos, a batalha irá cessar, e seu Mateus voltará à vida.

A proposta tentava o coração atordoado de Ísis.

Em poucos segundos, o sol da serpente emplumada surgiria em Asgard. Até aquele momento, os kappas já haviam matado quase todos os recrutas olímpianos. Hermes estava acuado. Só um milagre reverteria o quadro.

— Voltarei pra Terra — decidiu Ísis.

Os olhos vermelhos de Circe fervilharam com a resolução.

— Se não vem por bem, virá por mal — disse a bruxa, espalmando as mãos sobre a humana.

Thor gritou um longo “não”, e cravou sua espada nas costas de Circe. A feiticeira caiu no chão, mas sua magia já tinha surtido efeito. Agora Ísis era um pequeno roedor amarronzado.

Mateus correu ao encontro do rato. Quimera, ao encontro de sua milêdi.

A espada de Thor adormecia quem por ela fosse atingido. Retirando-a do oponente, podia decidir por sua ressurreição ou morte. Para Circe, ele escolheu o pior.

— Perdoe-me, Majestade. Não tive escolha — disse o rei à diaba. — Desrespeitei a Lei Divina, mas Circe o fez antes.

— Só os covardes não escolhem. Só os covardes não sabem a hora de parar. Circe pagou pelos próprios erros. É hora, jovem rei, de você pagar pelos seus.

Nessa hora, o alerta de Apolo ressoou em Thor: “A paz não pode ser mantida à força”. Mas era tarde demais.

Este livro foi composto em Adobe
Jenson Pro pela Editora Multifoco e
impresso em papel Pólen Bold 90g/m²
